

O campo do patrimônio cultural nas sociedades complexas: estudo de caso na localidade do ribeirão da ilha/Florianópolis/sc.

Mariela Felisbino da Silveira.

Cita:

Mariela Felisbino da Silveira (2013). *O campo do patrimônio cultural nas sociedades complexas: estudo de caso na localidade do ribeirão da ilha/Florianópolis/sc.* X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-038/307>

X Jornadas de sociología de la UBA.

20 años de pensar y repensar la sociología.

Nuevos desafíos académicos, científicos y políticos para el siglo XXI.

1 a 6 de Julio de 2013.

Mesa 24: Turismo y patrimonio en las sociedades contemporáneas: luces y sombras de sus vínculos a partir del turismo cultural.

O campo do patrimônio cultural nas sociedades complexas: Estudo de caso na localidade do Ribeirão da Ilha/Florianópolis/SC.

Mariela Felisbino da Silveira – Universidade Federal de Santa Catarina.

O CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NAS SOCIEDADES COMPLEXAS: ESTUDO DE CASO NA LOCALIDADE DO RIBEIRÃO DA ILHA/FLORIANÓPOLIS/SC.

Mariela Felisbino da Silveira – Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

O bairro Ribeirão da Ilha, Florianópolis / Santa Catarina/ Brasil, foi um dos primeiros povoamentos portugueses da cidade. Esta localidade guarda consigo um conjunto de patrimônios culturais que são pensados como atrativos, oferecidos pelas instâncias governamentais e privadas ligadas ao turismo, para quem procura conhecer e vivenciar os aspectos particulares do lugar.

Inicialmente, o que me chama a atenção é a apropriação do discurso do patrimônio cultural por parte das organizações de incentivo ao turismo. Esta apropriação acontece através de diversas estratégias, uma delas é a mídia voltada aos turistas, que usa as representações e imagens do patrimônio local como pano de fundo de suas ações.

Dessa forma, a presente pesquisa objetiva uma análise dos usos e sentidos atribuídos aos bens do patrimônio cultural pelos moradores da localidade, trazendo como contraponto, o discurso oficial das iniciativas pública e privada que fomentam o turismo.

Nesta pesquisa, tomo as discussões sobre patrimônio cultural e turismo como constituintes de um campo nos termos de Bourdieu. Segundo o autor, é no campo que os indivíduos travam lutas constantes em defesa de seus interesses.

Se considerarmos o caso do Ribeirão da Ilha para analisar a constituição deste campo, veremos que os diversos seguimentos envolvidos nas atividades turísticas da localidade (moradores, comerciantes, turistas e instituições de fomento ao turismo) constituem as forças desta luta, cada qual com suas estratégias que repercutem seus gostos e interesses.

O CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Para Bourdieu, é no *campo* que os indivíduos travam lutas constantes em defesa de seus interesses. Ele define *Campo* como “um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial”. Dentro do campo, cada indivíduo luta com suas armas, a saber, *estratégias* que estão ligadas ao *habitus* e ao *estilo de vida* de cada um.

As condições de existência e as práticas dos sujeitos configuram o *estilo de vida*, além de serem produto do *habitus*, que nada mais é que um “sistema de disposições duráveis e transponíveis” este sistema revela as preferências e as necessidades por meio da escolhas que os indivíduos fazem. (1983:123).

Escolher degustar ostras acompanhadas de espumante em um restaurante na beira do mar na Freguesia do Ribeirão da Ilha, ao invés de, iscas peixe acompanhadas de chope no vão central mercado público de Florianópolis diz muito sobre o indivíduo que fez esta escolha, revela as condições de existência materiais, marcam e demarcam gostos, territórios de um *habitus* específico.

Se considerarmos o patrimônio cultural como um “produto de ações humanas histórica e sócio-culturalmente situadas”(Gonçalves,1996:12), podemos então tomá-lo como uma *estratégia* dentro de um *campo* de luta específico nos termos de Bourdieu.

Se considerarmos o caso do Ribeirão da Ilha para analisar a constituição deste *campo*, veremos que os diversos seguimentos envolvidos nas atividades turísticas da localidade (moradores, comerciantes, turistas, instituições públicas e privadas de fomento ao turismo, etc) constituem as forças desta luta, cada qual com suas *estratégias* que repercutem seus gostos e interesses.

Atualmente, o Ribeirão da Ilha, pela sua historia local, costumes, arquiteturas, tornou-se detentor de um patrimônio cultural reconhecido, e, mais recentemente, vem sendo alvo tanto de políticas governamentais como de interesses privados, ambas buscam divulgar a localidade e seu “potencial turístico”.

Entre os atrativos turísticos da localidade temos o conjunto arquitetônico da freguesia e algumas festividades como: a festa do Divino Espírito Santo, a festa da padroeira Nossa Senhora da Lapa e a Folia do Zé Pereira. Além disso, há grupos de pessoas que guardam consigo saberes específicos como a construção de baleeira, de redes de pesca, de rendas de bilro e a prática de benzeduras.

Nestes últimos anos tem se desenvolvido outras práticas, como a da maricultura¹, que hoje abastece ao circuito das ostras que é constituído por vários restaurantes especializados em frutos do mar no Ribeirão da Ilha, e que são espaços frequentados pelos turistas que visitam a localidade.

Velho (1981), já falava sobre a perigo do isolamento metodológico de sociedades em pequena escala. Ele nos alerta a respeito desta ilusão e esclarece que, independente da escala geográfica e populacional do grupo, todo tipo de agrupamento humano está envolvido amplamente nas questões econômicas, políticas e culturais de grande escala. Assim, o emprego do adjetivo complexa ao substantivo sociedade, vem responder a uma ideia implícita de heterogeneidade e descontinuidade, das quais os grupos humanos compartilham.

Para Castells (2012) as categorias que ordenam e dão sentido à cidade contemporânea e complexa vivem em constante mutação e fazem parte da construção social da cidade. Castells se preocupa com os efeitos da homogeneização da cidade, que aparecem como uma espécie de uniformização das referências culturais por meio do fluxo global de informação.

Como parte da sociedade complexa, heterogênea e descontínua, este lugar passou por mudanças substantivas como a chegada de novos moradores das mais diversas procedências, inclusive de outros Estados e até de outras nacionalidades. Dessa forma, as transformações trazidas pelo fenômeno do turismo², convivem com as características singulares da localidade e com as festividades antes mencionadas.

Essas festas são momentos de integração social tanto no que diz respeito a sua organização como à participação nos festejos. Existem entre os moradores da localidade músicos que integram a centenária banda do Ribeirão conhecida como Banda da Lapa. A banda participa de todas essas festividades, além de congregar músicos de outras localidades criando redes com bairros da cidade.

A música constitui um traço marcante da localidade. Através da música tocada pelos músicos locais, a comunidade se encontra e se desloca pelas ruas do Ribeirão. A

1 Maricultura é o cultivo de organismos marinhos em seus habitats naturais com objetivos comerciais. A partir da década de 1990, em Florianópolis, pescadores artesanais e profissionais independentes, com o apoio do Laboratório de Moluscos Marinhos do Departamento de Engenharia de Aquicultura da UFSC em parceria com a EPAGRI, se engajaram em projetos para a implementação da maricultura em vários pontos da cidade. Fonte: <http://projetos.lmm.ufsc.br/index.php>. Acesso em: 31/8/2011.

2 Partilhamos da concepção de Barretto (2007), que toma o turismo como um *fenômeno social* de abrangência global, que teve impulso a partir da internacionalização da economia e do consequente aumento no número de pessoas transitando pelos mais diferentes lugares.

título de análise essas práticas também podem ser consideradas como um bem de referência da localidade.

CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES: TURISMO E SABERES LOCAIS

Conforme assinalamos acima, o Ribeirão da Ilha guarda seus elementos tradicionais ao mesmo tempo em que convive com os aspectos da sociedade complexa contemporânea, entre eles, os efeitos do turismo.

O turismo na localidade tem oportunizado uma série de ações que culminam, entendemos, num iminente processo de objetificação, exatamente dos bens considerados patrimoniais do local. Neste processo, os espaços passam a ser também objetos de consumo, cria-se uma demanda de investimentos em infra-estrutura e uma busca por atrativos nas cidades, a fim de caracterizá-los como turísticos.

Essa objetificação pode ser percebida de várias formas. Por um lado, como vimos anteriormente, em relação à prática da maricultura, que não só é cultivada, mas também objeto de consumo, através de circuitos de bares e restaurantes que são apontados na mídia como o “caminho das ostras”. Por outro, o que tem sido bastante relevante na pesquisa, em relação à existência de indícios de apropriação do discurso local quando referido ao patrimônio cultural. Entre as *estratégias*, temos a mídia voltada para os turistas, que usa as representações e imagens do patrimônio local como pano de fundo de suas ações:

Logo quando se chega, percebem-se os traços definidores desta cultura ainda preservados de forma original e intensa. As casas, em sua maioria, possuem paredes rosa com janelas amarelas ou brancas. As *cortinas* também chamam a atenção, quase todas *feitas de renda*. Além disso, é comum a presença de *mulheres debruçadas na janela*, apreciando o movimento do lado de fora, ou proseando com alguma comadre que por ali passa. Enquanto isso, seus maridos, quase todos *pescadores, puxam as redes na praia para trazer peixe fresco para casa*³. (Grifo meu)

No trecho destacado acima, podemos observar que a descrição da vida cotidiana dos moradores da localidade foi exposta de maneira que pareça singular e extremamente atrativa. Evocar elementos tais como a originalidade, arquitetura e modo de vida nos mostra que o propósito da propaganda é destacar as características contidas nas relações interpessoais, reflexos de um modo de vida singular e que não pode deixar de ser conhecida. Isso parece induzir o público alvo da campanha publicitária a tomá-lo como um modelo ideal de *estilo de vida*, nos moldes de Boudieu.

³ Disponível em: www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/ribeirao.php3. Acesso em 3/11/2009.

Esse tipo de propaganda tem como intuito atrair os adeptos do turismo cultural, que consiste em programas direcionados a pessoas interessadas em conhecer os costumes, patrimônios e bens culturais de determinado povo ou região (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Imagem fotográfica 1



Imagem fotográfica 2



Fonte: Camila S. Antunes e Mariela Silveira 2007.

Imagens fotográficas 1 e 2: Imagens e representações do patrimônio cultural local.

Aqui, tanto no trecho publicitário quando nas fotos, podemos ver claramente uma apropriação das imagens e paisagens culturais, para compor o que seria o patrimônio cultural local na visão dos agentes públicos e privados. Tal apropriação acontece através de uma vinculação feita na mídia de uma paisagem característica do Ribeirão.

A esquerda temos um maquim com as vestes de um pescador, chapéu de palha e rede em punho, ele está na porta de um restaurante recebendo os clientes. A direita, temos uma colagem de quatro imagens fotográficas: são três imagens que dão detalhes da faixa do restaurante e uma imagem externa do estabelecimento. Nas imagens, vemos o *close* dos azulejos da faixa do restaurante que tem como motivo algumas cenas cotidianas da localidade, como, por exemplo, o pescador em suas atividades de maricultura, e imagens que remontam à memória, como por exemplo, a igreja matriz Nossa Senhora da Lapa com a vegetação ainda preservada ao fundo.

Nas duas imagens percebe-se indícios de uma possível objetificação do “jeito açoriano de ser”. Especificamente me refiro, como vimos nas fotografias e no texto publicitário, à paisagem configurada pelas suas edificações antigas pintadas com cores vivas e com mulheres conversando nas janelas. Paisagem que se associam a ícones tidos como patrimoniais são oferecidas como atrativo aos turistas em potencial.

Essa paisagem patrimonial é composta por elementos singulares e característicos, mas que, da forma como são descritos soam como modos de vida cristalizados. Dessa forma, as cores das paredes, as cortinas, a pesca, a forma como as mulheres se relacionam com o espaço público compõem uma paisagem cristalizada que acaba essencializando a cultura e o cotidiano local.

Há algumas questões substantivas que podem ser analisadas neste momento: até que ponto esta cultura estaria em processo de transformação? será que esse uso feito pela mídia não é motivo de instrumentalização dos próprios moradores locais?

Como nos fala Arantes (2002), os bens de referencia da localidade, podem ser vistos também como referência e como recurso, através das diversas formas de apropriação. Na visão de Arantes a concepção do patrimônio como recurso é tão problemática para os órgãos de preservação quanto difundida nas diversas camadas sociais. Para ele, talvez este seja o aspecto mais enfatizado do patrimônio que cada vez mais é reivindicado por vários setores sociais como recurso simbólico na construção de sentidos de lugar e no desenvolvimento de produtos com valor cultural agregado.

Também podemos pensar esses fenômenos a partir de Appadurai (2008), quando ele descreve a arte turística. O autor usa como exemplo a produção de objetos de origem cerimonial, que, quando produzidos e valorizados pela lógica do mercado, sofrem transformações de âmbito cultural, econômico e social. Ou seja, passam a ser produzidos e valorizados conforme o gosto e a demanda de possíveis consumidores. De modo geral, a arte turística daria forma a um tráfego de mercadorias ligadas a grupos particulares, mas voltadas para o outro.

No Ribeirão podemos observar esse movimento em relação às praticas ligadas ao patrimônio cultural que muitas vezes são produzidas ou encenadas com fins turísticos:



Imagem Fotográfica 3: Arte turística – circulação de saberes locais⁴

Nesta foto, observamos uma senhora que mora no Ribeirão desde o nascimento. Ela está ao pé da igreja da padroeira Nossa Senhora da Lapa, fazendo um relato sobre a história da localidade para um grupo de visitantes. Neste momento, sua narrativa torna-se um elemento na construção da paisagem cultural do bairro, aos olhos de seus espectadores.

Neste exemplo, podemos observar como se articula na prática o uso do patrimônio como referência e como recurso. Esta senhora é a própria referência do patrimônio, que para ela se traduz no vivido, no que está na sua história e na sua memória, dando sentido às práticas e às narrativas apresentadas para o outro. Aqui a referência oscila estrategicamente com o recurso. Sua própria história de vida legitima a referência e se apresenta como recurso, dentro da teia patrimonialista do mercado, que busca o sentido do que é patrimonializado. Voltando a Arantes (2002), podemos ler a passagem desta senhora como exemplo de um modo de vida que se torna matéria-prima na configuração do sentido do Ribeirão da ilha como um lugar dentro do mundo globalizado.

Na ótica de Geertz (2001) e Sahlins (1997), o processo de globalização não é visto como prejudicial às comunidades tradicionais, ao contrário, é altamente estimulante à criatividade e possibilita o acesso a uma gama de informações e tecnologias, que se tornam recursos primordiais para a resistência e o fortalecimento delas diante do processo de aculturação. Nesse sentido, as atividades turísticas se apresentam como uma alternativa decorrente do fluxo de informações global e, ao mesmo tempo, um recurso a favor de localidades como a do Ribeirão da Ilha.

O que pode ficar como questão a ser pensada é justamente a maneira como se opera essa articulação entre o discurso local do patrimônio e o uso das paisagens patrimoniais pelas instâncias governamentais e privadas, além de sua repercussão entre

⁴ A imagem foi capturada do site do Projeto Trilhas do Ribeirão, em 07/04/2011, por meio do recurso *Print Screen*. Disponível em: < <http://www.trilhasdoribeirao.ufsc.br/>>. Acesso em: 21/03/2011.

os moradores da localidade.

Conforme já destacamos, esse uso das paisagens patrimoniais pressupõe uma cultura essencializada. Como se as mulheres debruçadas na janela fossem de cera, como se a práticas sociais fosse algo que se cristaliza com o tempo.

O que observamos a partir desta pesquisa é justamente o contrário. O Ribeirão da Ilha é uma localidade onde seus possíveis bens patrimoniais estão continuamente em movimento. Essa continuidade se expressa, dentre outras formas, através da intensa participação de seus moradores nos festejos locais e pela força representativa da Banda da Lapa exercida por meio de seus músicos.

A participação de pessoas da localidade em ações ligadas ao turismo acontece de várias formas. Seja gerindo seu próprio negócio, como os restaurante e as lojas de artesanatos e *suvenirs*, seja abrindo sua casa “tipicamente açoriana” para visitação.

A receptividade destas práticas entre os moradores dividem as opiniões. Por um lado, há os que acreditam que o turismo estimula a conserva o e a memória do que   tradicional. Em contrapartida, alguns entendem que o interesse dos turistas afeta a privacidade da popula o local e estimula o aumento da especula o imobiliária, ocupa o das encostas, violência, privatiza o de espaços públicos como o acesso às praias e aos morros, dentre outros aspectos.

Nessa perspectiva, convido a todos para um exercício de reflexão a respeito de uma possível apropria o da paisagem patrimonial e dos bens de referência do Ribeirão da Ilha.

Será que a divergência de opiniões entre os moradores tem algo a nos dizer? A abertura das “casas tipicamente açorianas” contribuem, ou não, para o fomento e a conserva o do patrimônio e da memória local?.

Importante considerar que, como vimos, as práticas e os bens patrimoniais da localidade não dependem somente de iniciativas públicas ou privadas para acontecer. Estas práticas, festas, entre outros, fazem parte da vida cotidiana da localidade que se articula e se organiza em torno delas.

COMUNIDADE PARA QUEM?: CONSTRUINDO UMA COMUNIDADE TIPICAMENTE AÇORIANA

Alguns historiadores, dentre eles Boiteux e Medina, fazem referência à chegada e possível estadia, por volta de 1526, do navegador espanhol Sebastião Cabotto, dizendo que ele aportou no Ribeirão, porque a enseada oferecia um porto natural com estrutura para a construção de embarcações e terra firme para erguerem acampamento. Sebastião Cabotto e seus homens ficaram na região por algum tempo, não havendo informações precisas a esse respeito. Eles foram provavelmente os primeiros europeus a conviver com os índios, organizando uma comunidade com essa característica em solo catarinense. A partir de então, o lugar onde se fixaram passou a ser chamado pelo mesmo nome dado ao pequeno rio existente na localidade, Ribeirão. Depois da passagem de Cabotto até a chegada dos primeiros casais de açorianos em 1748 não há precisão nas informações sobre a vida na localidade (PEREIRA, 1991).

Para os autores, Farias (1998) e Santos (2004), a imigração dos açorianos para a Ilha de Santa Catarina iniciou-se em 1746, quando, por decisão do Conselho Ultramarino, Portugal decidiu enviar parte da população do arquipélago⁵ para habitar a região sul do Brasil. Agindo assim a coroa portuguesa acreditava resolver dois problemas de uma só vez: diminuir a densidade demográfica das ilhas açorianas, cuja população sofria em consequência da escassez de terras; e provir de infra-estrutura a região sul brasileira, importante para seu plano de domínio e expansão territorial. Esse fluxo migratório, que ocorreu até 1756, trouxe cerca de 5.000 pessoas ao litoral do Estado de Santa Catarina, o que contribuiu para a caracterização da região, organizada em freguesias. A população dedicava-se à produção agrícola aliada à atividade pesqueira, que abastecia os habitantes do meio urbano, as tropas e a tripulação das embarcações que transitavam pela região. Dentre as freguesias que se espalharam pelo litoral catarinense, está a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa, situada no atual bairro Ribeirão da Ilha de Santa Catarina. Segundo Santos, as freguesias foram instaladas em Santa Catarina em função da colonização açoriana, e caracterizadas “como tendo o seu centro numa praça em quadro, onde um dos lados era ocupado pela igreja, essas freguesias ainda hoje apresentam características particulares quanto à arquitetura das construções,

⁵ As ilhas de Açores situam-se no meio do oceano Atlântico, entre a Europa, a América e a África; distam cerca de 1.500 Km de Lisboa e 8.000 Km de Florianópolis e foram povoadas por Portugueses desde o início do século XV.

propriedades, sistema econômico, tradições, folclore e maneiras de falar”. (SANTOS, 2004:51).

Durante os séculos XVIII e XIX, o Ribeirão da Ilha, no Sul da Ilha de Santa Catarina, foi majoritariamente agrícola, pecuário e pescador. Hoje, o que resta desta produção está voltado para consumo próprio e venda em baixa escala. A localidade é considerada uma “comunidade tipicamente açoriana”, em razão da imigração, em 1748, mas sabemos que outros grupos deixaram suas marcas ali, como, por exemplo, africanos e seus descendentes mantidos como escravos na região e, mais recentemente, migrantes dos mais diversos lugares, que fixaram residência no bairro.

Dessa maneira, podemos nos perguntar, comunidade para quem?. Não é nosso intuito aqui responder tais perguntas, mas refletir um pouco sobre esse conceito a luz da Antropologia. Partilhamos da visão de Bauman que faz a crítica ao conceito idealizado de comunidade, em que o cerne estaria no entendimento e compartilhamento de um sentimento recíproco e vinculante entre seus membros. Para o autor, em função de fatores como a globalização, as informações passam a circular independentes de seus portadores e “a fronteira entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ não pode ser mais estabelecida e muito menos mantida” (2003:19).

Ao conversar com moradores da localidade, é comum ouvir a expressão “gente de fora”, fazendo referência a pessoas que supostamente não fariam parte da “comunidade ribeironense”. Em contraponto teríamos os “de dentro”, “os nativos”, que seriam os moradores com mais tempo de residência na região⁶. Nesse sentido, temos Elias e Scotson (2000), que ao abordarem o tema pretendiam ir além da discussão “estabelecidos x outsiders”. A vertente sociológica audaciosa de Elias objetivava uma teoria geral das relações de poder. Acreditava-se que os problemas em pequena escala de uma comunidade e os de larga escala de um país eram inseparáveis.

Os estabelecidos podem ser definidos como um grupo que se auto percebe e que é reconhecido como a “boa sociedade”, que tem a identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência, compondo, assim, um modelo moral para os outros. Em contrapartida, os *outsiders* são os que estão de fora, os não membros, da “boa sociedade”, formando um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os

⁶ As observações em relação ao cotidiano da localidade foram resultado da pesquisa de campo para o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvido pela autora no ano de 2009, bem como, pesquisas informais posteriores a fim de elaborar trabalhos acadêmicos e projeto para mestrado em Antropologia Social na mesma instituição.

estabelecidos. A coesão grupal se torna uma característica marcante nos estabelecidos, que permitira uma identificação coletiva com as regras, tabus sociais e memórias do grupo.

Este sentimento de compartilhamento do passado e de memória que perpassa gerações pode ser observado entre os moradores da Freguesia do Ribeirão da Ilha que dizem ser os “de dentro”, os açorianos descentes: “*dizem que a gente é tudo descendente de açoriano*”. Em detrimento de outros grupos que viveram na região, o que vai desde os indígenas de 1526, passando pelos afrodescendentes que eram escravizados na região, e chegando até aos fluxos migratórios mais recentes.

A preocupação em unificar a origem dos moradores de Florianópolis, atribuindo-lhes uma identidade cultural compartilhada, remete à década de 1940 quando, seguindo a linha nacionalista do governo Getúlio Vargas, procurou-se consolidar o papel histórico da colonização açoriana. O assunto acabou sendo tema do I Congresso Catarinense de História em 1948.

Segundo Lacerda (2003), havia um sentimento de inferioridade da região em relação ao resto do estado, relacionado com o fato de ser a cidade colonizada por portugueses, que eram vistos como indolentes e não por alemães ou italianos como no interior. Durante o citado Congresso, procurou-se resgatar a história e importância dos açorianos, que passaram de indolentes à figura central no processo de construção da cidade.

Na sequência, uma série de ações foi realizada com vistas na reafirmação da imagem de “açoriano descendentes” dos moradores da capital catarinense. Entre elas estão, a partir de 1950, busca pela consolidação e divulgação da história e do folclore açoriano por meio de semanas culturais realizadas pela Universidade Federal de Santa Catarina em conjunto com a Universidade dos Açores. E, por fim, a partir da década de 1980, implementa-se uma gradual transformação das comunidades pesqueiras, com suas características singulares, em lugares turisticamente atrativos.

Com isso, o tema da açorianidade ganha maiores proporções e consolida a imagem dos chamados “açoriano descendentes”, que agora possuem uma história, uma tradição e uma origem, fixando diferenças, em relação aos outros grupos étnicos que colonizaram as demais regiões do estado de Santa Catarina.

Esse processo de valorização da cultura açoriana, pode ser aproximado do que diz Stuart Hall (2004). Para ele, vivemos uma modernidade tardia ou pós-modernidade, que se iniciou na segunda metade do século XX e tem como o seu maior desdobramento

o descentramento do sujeito cartesiano. Segundo o autor, somos espectadores de uma fragmentação e modificação das paisagens culturais e das identidades pessoais, o que findou a ideia de que somos sujeitos integrados.

Seu ponto forte culmina na investigação da possível existência de uma crise de identidade na modernidade tardia, que seria representada pela perda do sentido de si, deslocamento e descentralização dessas identidades. Tal descentralização ocorre tanto em relação ao lugar dos indivíduos no mundo sócio-cultural, quanto em si mesmo. E tais mudanças, tomadas em conjunto representam um processo de transformação da própria modernidade.

Para o autor, a identidade só se torna uma questão quando está em crise, adquirindo visibilidade. No nosso caso, o movimento de resgate da cultura açoriana aparece como uma visibilidade resultante da crise de identidade apontada por Hall.

Já Clanclini (1997), nos apresenta como tema central, a construção de uma cultura híbrida na América Latina, que resultaria de fatores como a expansão urbana e sua articulação com o rural na mídia eletrônica, a mistura entre popular e erudito, e a fusão das diversas populações que compõe o continente. Para o autor, o hibridismo está relacionado a uma transformação profunda de escala mundial. O que nos permite pensar na cultura açoriana, como uma cultura híbrida, nos termos do autor, já que a existência de populações como a indígena e a afrodescendente é anterior a imigração açoriana e portuguesa, e sendo inegáveis suas contribuições para a constituição sócio-cultural do que hoje se denomina “açoriano descendente”. Além disso, o fluxo global de informação e de pessoas, presente nas sociedades complexas, também são constituintes da localidade.

Protagonista de grandes mudanças desde a década de 1970, a localidade do Ribeirão da Ilha construiu sua imagem de “comunidade tipicamente açoriana”, que é usada, estrategicamente, das mais variadas formas. Seja, pelo morador que sente orgulho de dizer que é descendente de açoriano, passando pela esfera municipal que tem nessa característica um *slogan*, chegado até aos órgãos de fomento do turismo e comércio local, que fazem disto um atrativo para os visitantes.

REFERÊNCIAS:

APPADURAI, Arjun. **A vida Social das coisas**. A mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: EDUFF, 2008.

ARANTES, Antonio Augusto. Cultura, cidadania y patrimonio en América Latina. In: LACARRIEU, Mónica e ÁLVAREZ, Marcelo (Comp.). La (indi)gestión cultural: una cartografía de los procesos culturales contemporáneos. Buenos Aires: Ed. Ciccus/Ed. La Crujía, 2002.

BARRETTO, M. (2009). Turismo y cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas. El Sauzal (Tenerife, España): PASOS, In: **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** (www.pasosonline.org). E-book, Colección PASOS Edita, nº 1.

BAUMAN, Zygmunt..**Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2003.

Caminho das Ostras. [en línea]. [consulta: 21/03/2011]. Disponible en: <www.caminhodasostras.com.br>.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: UNESP, 1998.

CASTELLS, A. N. G.(Org.) NARDI, L.(Org.) **Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1 , 2012.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional. Uma viagem no tempo: povoamento, demografia, cultura. Açores e litoral catarinense**: um livro para o Ensino Fundamental. Florianópolis: Ed. do autor, 1998.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In **Cadernos de Campo**. Nº.13, São Paulo, 2005.

GEERTZ, Clifford. A mitologia de um antropólogo: Depoimento. [2001]. São Paulo: in **Revista de Estudos da Religião**. Entrevista concedida a Victor Aiello Tsu.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Retórica da perda**. Rio de Janeiro: Ed.

UFRJ,1996.

Guia Floripa. [en línea]. [consulta: 31/11/2009] disponible en: <www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/ribeirao.php3>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP& A, 2004.

Laboratório de Moluscos Marinhos – UFSC. [en línea]. [consulta: 31/08/2012] disponible en: <<http://projetos.lmm.ufsc.br/index.php>>

LACERDA, Eugenio Pascele. **O atlântico Açoriano, uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade.**(tese) Doutorado em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC, 2003.

LAGROU, Elje. Uma experiência visceral. In **Trabalho de campo e subjetividade,** Florianópolis: PPGAS, 1992.

LEITE, Ilka Boaventura. Questões éticas na entrada e saída do campo. In: **Diálogos transversais,** Florianópolis: PPGAS, 2008.

ORTIZ, Renato (org.).**Pierre Bourdieu: sociologia.** São Paulo: editora Ática, 1983.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Dicionário Enciclopédico de Ecologia & Turismo.** 1. ed. São Paulo: Manole, 2000.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. In **Mana,** Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, out. 1997.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 2004.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.